



## **Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas num Universo Globalizado**

Encontro Internacional

Fundação C. Gulbenkian, 26 de Outubro de 2010

Senhoras e Senhores

Começo por saudar a realização deste encontro Internacional (sobre a Língua Portuguesa e as Culturas Lusófonas num Universo Globalizado), cumprimentando efusivamente, ...

... Primeiro à União Latina e o seu Secretário-geral, Embaixador José Luis Dicenta Ballester. Pela oportunidade do encontro, e por trazer uma visão refrescada pela clareza e realismo da abordagem que escolheu para partilhar o seu sentimento, as suas observações, com relação à língua portuguesa e suas culturas, nas construções geopolíticas e geoestratégicas actuais.

Ao Dr. José Carlos Vasconcelos e à sua já aqui repetida militância pela língua portuguesa e pela cultura lusófona. Terei entendido correctamente que lhe coube também a formatação dos painéis e a escolha dos palestrantes pelo que, apresento as minhas vivas felicitações. Não estou presumindo que tenha influenciado a formatação das apresentações mas certamente através das escolhas que fez ou que ajudou a fazer, soube antecipar um modelo que evitou a retórica e a afirmação de princípios programáticos – priorizou-se o questionamento dos objectivos, os meios disponíveis, a nossa visão estratégica e sobretudo a vontade colectiva em mobilizar os meios necessários para assim atingir a meta traçada. Convenhamos tratar-se de uma imponente melhoria.

Também queria saudar a presença dos ilustres participantes e instituições que aqui se fizeram presente e que, evitando o risco de omissão, cumprimento no conjunto através das menções singulares da Dr<sup>a</sup> Maria Barroso e da Fundação Kalouste Gulbenkian, respectivamente.

Senhora Ministra, Ilustres Conferencistas

Desde a cerimónia de abertura deste encontro (essa incluída), assistimos a um desfile de apresentações, das mais distintas que eu já pude ouvir em Português e sobre a Língua Portuguesa – ricas de conteúdo, profundas nas análises, umas subtis e irreverentes, ilustrando a beleza e a elasticidade dessa língua (que o Prof. Adriando Moreira lembrou varias vezes não ser nossa mas

ser também nossa), outras mais hirtas mais exigentes de conhecimento e destreza e rigor na sua utilização. Politicos, académicos, gestores, diplomatas, artistas, estudantes e mesmo os Engenheiros vieram aqui trazer o seu testemunho, a sua avaliação, a sua expectativa sobre o muito que o Português teria a dar, não fosse a nossa atitude “tacanha”, falta de sentido de oportunidade, inoperancia de instituições como a CPLP, o IILP e outros. Outros nos disseram que muito se tem feito e alertaram para a necessidade de saber valorizar o que está conseguido – chamara a atenção para o facto do 6º neste caso representar o primeiro de mais de uma centena, no lugar de nos penitenciarmos por não conseguir ultrapassar logo e imediatamente os restantes cinco. Ouvimos uma importante listagem de recomendações que referiram como necessidades, desde a criação da biblioteca lusofona, a revitalização da AULP até a criação de uma Universidade/Fórum de debate permanente, passando por circuitos regulares de interação e outros mecanismos de intercâmbio e troca. Disse-se que o mais importante é melhorar a nossa capacidade de comunicação, sem a qual não existe comunidade, lembrando sempre que “o peso mundial de uma língua se mede não necessariamente pelos falantes ou mesmo pelos habitantes do país que a tem como lingua oficial mas pela sua zona de influência”. Ouvimos ainda aqui que o mais importante é caminharmos. Caminhar sem perder o rumo. Não o Norte, o rumo, pois este pode ser agora o Sul.

Esta sintese pode ainda ser mais completa (e será com certeza) mas esta parte servia simplesmente para provar que aqui estive e com atenção às apresentações feitas. Em certa medida, foi a razão da minha presença que serve também para agradecer aos organizadores deste encontro, pelo convite e por permitirem à CPLP beneficiar de tão importantes orientações. Podia agora ser momento de réplica e tentar elencar todo o conjunto de iniciativas que a CPLP através do Secretariado Executivo e dos outros órgãos tem desenvolvido. Receio contudo que a esta hora e depois das apresentações da Drª Graça Mira Gomes (ontem) e do Dr. Gilvan Müller (hoje) possa ser abusivo e fastidioso.

Prefiro nesta altura reiterar a minha convicção de que os nossos predecessores tinham absoluta razão : a CPLP é um projecto sim, muito ambicioso sim, mas necessário, viável e realizável.

Nestes 14 anos da sua existência, a CPLP tem procurado harmonizar a actuação internacional dos Estados, criar sinergias em torno de projectos comuns, gerar convergências, lançar novas pontes de entendimento entre os respectivos Povos, consolidar a identidade colectiva da Comunidades e aproximar, *de jure et facto*, os seus cidadãos. Como em outras organizações de natureza semelhante, é manifesto o hiato entre a proclamação de vontades, a formulação de intenções e o que é efectivamente realizado. Contudo, o balanço só pode ser positivo, principalmente considerando a existência de um mundo que caminha para a supressão de particularidades e diferenças, que constituem, afinal, a maior riqueza patrimonial das sociedades humanas.  
(...)

É com confiança renovada que, hoje avaliamos o futuro do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), crentes de que os Estados saberão reconhecer a sua utilidade e fazer dele um instrumento das suas políticas culturais, fundamentando-se os seus principais objectivos na "*promoção, defesa, enriquecimento e difusão da Língua Portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico e tecnológico*".

A língua é afinal um instrumento de desenvolvimento e de promoção do diálogo intercultural. Assim, a promoção e utilização do Português não deve ser dissociada da projecção social, económica e política dos seus utentes, nos diversos contextos em que estiverem inseridos. A clareza de propósitos e a franqueza na abordagem dos assuntos aqui tratados devem constituir apanágio ao nosso esforço de construção comunitária – sem zonas sombra, sem tabús, sem complexos – na celebração de identidades, na realização de negócios, no exercício da cidadania e na liberdade de circulação, na construção de sociedades plurais, democráticas e de desenvolvimento.

Chegado a este ponto temo-nos perdido muitas vezes numa discordia dispensável entre o que é a CPLP e a necessidade real (ou nem tanto) de construção de uma identidade lusófona. Parece aceitável que a Lusofonia encerra um espaço físico bem mais vasto do que a CPLP. Todavia, replicam outros que o capital político acumulado pela CPLP ao longo de 14 anos é inquestionavelmente mais significativo, porque exercido por uma entidade reconhecida por todos os seus Estados membros e com direito de voz e participação em *fora* multilaterais.

A criação da CPLP constituiu, portanto, a concretização de uma vontade política, alicerçada no uso do Português como língua oficial. A Lusofonia está também assente em vínculos linguísticos e na herança histórica portuguesa – elementos que teorizam o universo lusófono e do qual fazem parte os países da CPLP, as diásporas lusófonas e os territórios e regiões onde o Português é residualmente falado.

Ora, num mundo caracterizado pela globalização e por conseqüentes tentativas de inclusão cultural, política e económica, a Lusofonia *de per se pode* não garantir a defesa dos interesses dos Povos que a constituem (voltou a dizer o Prof. Adriano Moreira ontem que "nenhum povo recebe o passado a benefício do inventário"). Portanto, mais do que uma herança, a Lusofonia é um desafio.

As reflexões à volta da lusofonia têm-se produzido, sobretudo, em Portugal e no Brasil, não sendo acompanhadas por semelhante esforço nos restantes países de língua portuguesa, o que faz com que a influência da percepção lusobrasileira da lusofonia seja dominante. Sobretudo nos países africanos, registam-se ainda dúvidas sistemáticas sobre a validade do conceito de

lusofonia enquanto factor de identidade supranacional. A lusofonia é, por vezes, entendida como uma forma ou tentativa de hegemonia da língua portuguesa sobre as línguas nacionais, da cultura portuguesa sobre as restantes.

Não podemos desperdiçar mais tempo e oportunidades. Para que a visão de toda a Comunidade possa ser de facto incorporada num conceito amplamente aceite, terá que haver interesse pelo debate das ideias que lhe estão subjacentes, entre os intelectuais e a sociedade civil de cada país. É indispensável um esforço para integrar na visão actual da lusofonia as necessárias componentes que traduzam as realidades e expectativas dos países do Sul (o Sul após Sec.XVIII) – os Cinco países africanos e Timor-Leste.

(...)

Para que a lusofonia seja o cimento da CPLP, ela terá que traduzir, para além da língua, interesses e valores comuns e partilhados por todos os Estado membros que possam traduzir-se em mais-valias para os cidadãos de todos os nossos países, sem pretensão de se utilizar a CPLP para a realização de objectivos que não sejam voluntariamente assumidos.

Por definição, a prática política dos Estados e das sociedades civis de cada país no seio da CPLP deve traduzir-se na concretização da **solidariedade**, ancorada entre os Estados membros na longa convivência entre povos de diferentes culturas; da **promoção da democracia, a defesa dos direitos políticos, económicos e sociais dos cidadãos**; e da **valorização da riqueza e da produção cultural do espaço de língua portuguesa**, incluindo a produção em línguas nacionais que convivem com o português, contribuir para construir o que poderá vir a ser uma verdadeira cultura lusófona, enriquecida com contribuições dos criadores de todos os nossos países.

Os esforços para uma maior aproximação cultural entre os povos dos países de língua portuguesa terão tanto mais êxito quanto mais determinados forem os esforços dos governos em proporcionar condições para que os seus cidadãos conheçam as realidades dos restantes países da CPLP.

A lusofonia ficará reforçada se esse esforço se traduzir, por exemplo, numa melhor e mais eficaz utilização dos órgãos de comunicação social para dar a conhecer as realidades de cada país no espaço da Comunidade. Temos que reconhecer que o conhecimento recíproco entre os nossos povos ainda se encontra longe do desejável.

Os sistemas educativos devem ser utilizados na familiarização das crianças e adolescentes com esta Comunidade que permita a pessoas de países diferentes se comunicarem na mesma língua. E iniciativas devem ser desenvolvidas para motivar os jovens dos diversos países a conviverem, a trocarem experiências e a conspirar por um futuro melhor – a CPLP nas Escolas foi lançada este ano, em Lisboa, e queremos que se estenda a outros países da CPLP. Igualmente se

começou a comemorar o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura da CPLP, a 5 de Maio, incentivando-se os Estados membros a dar-lhe a devida relevância.

Mas, as barreiras que se erguem à circulação de pessoas e de bens, incluindo os bens culturais, são inevitavelmente um forte obstáculo à consolidação da Comunidade enquanto espaço de cidadania, fraternidade e solidariedade. Os governos afirmam ter consciência deste facto, particularmente no que respeita à circulação das pessoas.

Por essa razão estabeleceram um grupo de trabalho para propor medidas que facilitem a circulação dos cidadãos dos países da CPLP no espaço da Comunidade, esperamos ver concretizada a aprovação da Convenção Quadro relativa ao Estatuto do Cidadão da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

(...)

Mia Couto, no seu jeito peculiar de observar, interrogar e opinar diz acreditar que o que falta

*"... é uma postura prática, voltada para a construção de soluções. Agora é preciso e é urgente desenharmos acções que afirmem a nossa individualidade no mundo globalizado. (...) Não temos senão duas alternativas: ou ficamos no muro da retórica ou descemos para o chão da realidade, mesmo aceitando que essa realidade se diz no plural. Teremos a comunidade que entendermos ser a nossa e aquela que melhor nos servir. Basta que a façamos".*

Foi disto que se falou estes dois dias e é nessa asserção que a CPLP tem a tarefa de ser, cada vez mais, um espaço de cooperação, fraternidade e amizade entre os povos que partilham não só a língua mas também outros valores comuns que os identificam. Contudo, ainda nisso não podemos ter ilusão – ou a vamos conseguir trabalhando juntos, ou também neste caso *"a velocidade do pelotão continuará a ser marcada pelo avanço do último soldado"*.

(...)

Muito obrigado!